

SOBRE 118 ENVELOPES DE UM CONCURSO DE POESIA

A concepção platônica do poeta como um indivíduo tocado pelos dedos da Musa, que o impulsionaria a escrever e a representar-se como eleito face aos outros homens, permanece intacta. Coisa estranha, numa sociedade que, embora persistam costumes arcaicos ou economicamente atrasada, avançou muito em alta tecnologia no campo da comunicação, pois hoje em dia quase todo mundo tem acesso à informática, dos aposentados até a grande maioria dos jovens.

Com efeito, há que se perguntar o motivo pelo qual esse substrato neoplatônico acerca da poesia e do poeta insiste numa agonia e teima em não desaparecer, face a um espírito de época marcado pela racionalidade, pelo fim das utopias e pelo acesso à informação que a pouco e pouco foi desconstruindo e pondo à terra tudo que estava envolto em bruma, em mito, lacunoso. O século XX foi uma era de desconstrução/desmistificação e anúncio dos novos tempo que ora já vivenciamos, com incensos queimados aos novos deuses e mitos de ocasião.

Atesta-se essa crise em um dos sustentáculos da cultura: o emparedamento e o descrético das religiões ocidentais. O mito de Jesus Cristo sobrevive à custa de um lugar mental que necessita ser preenchido, falo do messianismo como imanência, como algo que existe independente da vontade de determinados agrupamentos humanos. Portanto, como espaço na mentalidade ocidental, e espaço definidor, ao que parece, dificilmente poderia permanecer vazio por longos hiatos de tempo, dada sua importância no cotidiano dessas gentes do lado de cá.

Com efeito, declina a olhos vistos, numa agonia cuja caminhada para o futuro arrasta consigo um cortejo de falsos profetas, de exceções pontuais, dos histéricos exageros dos neo-pentecostais, na entronização de um papa que junta os farelos deixados por uma igreja malhada e sem crédito algum, na mescla que faz um mesmo frequentar três templos de religiões diferentes (os espíritas mandam celebrar missa de sétimo e trigésimo dia). Enfim, irremediável arrefecimento que salta aos olhos o vazio difuso numa era que, considerando a voltagem da hipocrisia, até que durou muito: dois mil anos, sem que se tenha um outro mito para preencher

a demanda de misticismo inerente, como disse, ao humano. Agora vamos brincar de quê?

Falo isso porque tive acesso aos 118 envelopes de poetas inscritos no Prêmio Luiz Carlos Guimarães, promovido pela SEC/FJA. Se li com redobrada atenção os poemas, muito me despertou atenção as pequenas biografias onde cada inscrito discorria acerca de si e da sua escritura; apresentava-se, autorepresentava-se. Há que sublinhar um traço inerente a quase todos: o fato de se comportarem como escritores, como espécie de seres distintos dos seus semelhantes, haja vista o milagre de terem sido ungidos pelos dedos da Musa, de compreenderem a poesia como uma aura mística, com a distinção de resplendores, ungidos que foram pelo manto furta-cor de Érato, a da poesia lírica.

Isso tudo emerge de um anonimato, pois a quase totalidade reside na obscura comarca onde o vento faz a curva, sequer mesmo integram a cena literária norte-rio-grandense ou publicaram livros, de poesia ou outro gênero literário. O que quero dizer é que minimamente não fecharam o circuito de produção-circulação-leitura dos textos de suas autorias. Não esqueço que quase todos possuem um blog particular, contudo, isso não afirma que sejam lidos por muitas pessoas, realidade que a Internet democratizou as vitrinas da literatura, proporcionando que tudo que é gente se arvore a publicar suas dores de cotovelo e mostrar fotografias dos filhos onde sorrisos de felicidade sapecam textos requentados, numa colagem que não se sabe se foi Clarice Lispector que disse ou Chica da Silva.

Também sei que a poesia contemporânea, caudatária de procedimentos influenciados pelas condições históricas do século que nos antecedeu, - quase sempre de caráter metalinguístico -, denota um dobrar-se sobre si mesma, indagando-se, afinal, qual era o seu papel numa sociedade em que a memória fora banida ou estava presente em exceções naqueles que cultuavam a arte da conversação ou o salutar hábito da leitura. A deusa Mnemósine não mais integra o panteão das aras contemporâneas, fato irreversível que alguns mais antigos, ou tem que se acostumar e conviver ou sucumbirão em um silêncio obsequioso que os deixará mascando a erva do ressentimento, superestimando equivocadamente uma entidade vaga denominada “passado”.

Curiosamente testemunha-se o que é compreendido como poesia. Não é novidade, pois são características as mais elementares do senso comum desde priscas eras. Assim sendo, poesia é um arranjo de frases com esquemas rítmicos e estróficos engendrando uma musicalidade extremamente eufônica, uma cadência na qual alternam-se palavras detentoras de auras semânticas que remetem ou detém ressonâncias associadas a uma concepção romântica do real, a um mundo idealizado, a uma espécie de retorno de relacionamentos interpessoais que nunca existiu em tempo algum, sobretudo quando se trata do lirismo amoroso idealizado. Nada mais básico, mais simples, mais pueril, como forma de representar o que chamam de real concreto que nos cerca. Essa poesia ainda se sustenta um pouco, se considerarmos os níveis fonético, morfológico e sintático da língua, porém se adentrarmos pela semântica e pela pragmática, torna-se, no mínimo, bizarro, quando não risível, para um leitor medianamente informado no que diz respeito à evolução das formas no campo da poética, da teoria do poema, da maneira como estrutura-se o signo poético.

Não é de causar estranheza a revitalização da poesia de cordel nos últimos tempos, pois essa adequa-se muito bem a uma espécie de poesia que o senso comum assimila mentalmente e prefere consumir, haja vista que os esquemas mentais estão predispostos a receber e compreender poesia como espécie de linguagem com ritmo bastante marcado, sobretudo pelos esquemas rítmicos os mais elementares. Evoco a categoria de melopeia, proposta pelo poeta Ezra Pound. Mas nem só de melopeia sobrevive um poema.

Sim, onde reside o inusitado da imagem, o palimpsesto, o tom mais elevado da escritura, a reflexão racional, elaborada com sentimentos sóbrios e dignos, que desde sempre foi apanágio da poesia, em toda e qualquer era? Como esquecer que as metáforas, os símbolos, as invariantes universais, - os arquétipos que o signo poético arrasta consigo, - imputam à escritura o caráter de forma de conhecer, de acesso ao real, o tanto quanto o mito, a religião, a filosofia ou mesmo a ciência?

Não há mistério, não há por que perder tempo com elocubrações teóricas sobre tal fenômeno. Numa sociedade que o século XX “nos presenteou” (muito mais, para mim, presente de grego), após proceder a uma desconstrução e desmistificação de tudo, do desgaste da palavra, com sua crise da linguagem, à banalização da ignorância e da migração do que é

mais vulgar para o campo que sempre fora domínio da Arte e da alta cultura ou da cultura popular (distinção, aqui, meramente didática).

Eis o resultado desse fenômeno sócio-antropológico que, ao que tudo indica, veio mesmo foi para ficar, pouco se importando com a resistência dos saudosistas, detentores de pouco fôlego e nenhuma virilidade, uma vez que sucumbem ao primeiro canto de sereia. Em suma, não há por que consultar oráculos acerca do futuro, nem este é escuro. O futuro é o presente, onde chantamos os pés e somos obrigados a responder perguntas de cartilhas infantis da esfinge.

Olha só o que temos nesse grande mercado de variedades: informações fragmentadas, feito colcha de retalhos, onde se sabe de tudo e não se sabe de nada, não poderia deixar de ser desse modo: busca-se o mais fácil, o que pode ser mais rapidamente decodificado, o que a preguiça e o desleixo para com as coisas do espírito permitem chegar-se. O que era chamado de “cultura mediana” encontra-se em vias de extinção.

Ainda sobre o século XX: era como se ele estivesse separando o joio do trigo, estando numa encruzilhada onde havia dois caminhos. Não é preciso apontar qual foi a vereda selecionada: basta olhar a seu redor, o resultado é fruto de mentes maniqueístas, incapazes de realizar uma síntese. Isso mesmo, nem a saudável temperança que entrever o caminho do meio foi posta em questão, emburacaram sem nem pensar pela vereda que mais convinha a espíritos preenchedores do *horror vacui*, pelo que menos forçava o raciocínio, pelo mais acessível.

No que diz respeito à literatura, atesta-se o fenômeno de estagnação de formas e referentes, em uma mesmice simplório. Na construção do texto não há o esforço necessário de que um sintagma ou paradigma evoque outro, imprimindo ao signo poético a tensão multisignificativa. Nada evoca uma consulta ao dicionário ou enciclopédia. Ao leitor é dado a chave do escrito em uma salva de plástico.

Dessarte, o selecionado vale por si, não está no interior de um contexto, tampouco é fruto de outros elementos. É preciso chamar atenção sobre a ausência de perspectiva, de um projeto de vida, de um sentido para a existência, vive-se um presenteísmo pragmático, consumista, pleno de vulgaridades, nivelando tudo pelo chulo, acompanhando a escanção do tempo pelas datações da festas cívicas ou dos feriados religiosos. O Natal

dura três meses. O carnaval, dois meses. O trânsito, em feriados, dá a impressão que o mundo vai acabar daqui a pouco.

A intolerância conclama leis para contê-la, a impaciência é controlada à base de psicotrópicos, as relações de amor e amizade esgarçam-se numa incrível facilidade, uma pequena besteira já é motivo de cortar os laços interpessoais. É o fim do mundo? Que nada, são as alvíssaras de uma nova era na qual o corpo sustenta o tranco, já que a alma está esgotada de tanto sustentar os desassossegos e desacertos com o mundo. Estamos apenas no início. O que vemos é o ensaio geral: a festa ainda nem começou.

Esboçarei aqui algo mais ou menos esquemático acerca dos símbolos, ideias e noções encontrados em grande parte dos que integram nesse que, qualquer leitor medianamente informado, conseguirá reconhecer como pertencente ao passado da História da Literatura.

Direi primeiro das metáforas, das imagens, notavelmente recorrentes nessa nova lírica que busca ocupar espaços. Embora quase todos residam em cidades grandes ou de médio porte (para os padrões do Estado do Rio Grande do Norte), atesta-se um bucolismo difuso e um apego à terra, que insistem de chamar de “Sertão”. Sim, o sertão do *nunca-mais* de Oswaldo Lamartine, cujo saudosismo é bem presente, embora este tenha tido a exata percepção de que era algo datado em eras históricas passadas, que, como cultura de uma dada região geográfica, já tinha fechado seu ciclo histórico, permanecendo apenas como um retrato em sépia na cabeça de gerações quase todas extintas, folheado, vez em quando, em antigos álbuns. O suicídio desse homem do Seridó é metáfora de uma geração, significante de muitos sentidos, não havia mais lugar para ele, tampouco para os que pensavam como.

Retornemos aos poetas. Como dizia, ao buscar os elementos comparativos no eixo paradigmático da linguagem, inexoravelmente apelam para uma imaginação povoada por signos como “lua”, “água em estado natural”, “animal”, “flores”, “sonho”, “rosa”, “saudade”, “terra mãe”, “sertão de retirantes”, “menino de rua”.

Tais signos, organizados em formas consagradas e sem nenhuma expectativa de imprimir aos referentes um outro olhar, um outro ângulo sobre o objeto tratado no poema, como quadras e sonetos, sugerem que a

arte não é compreendida como uma crítica à realidade, propondo uma instância paralela, além do real vivido, edificando uma outra realidade para substituir aquela, visto que o mundo tangível é o dos trabalhos, das intermináveis horas, do apelo para que sejamos outro, que não se confunde com o eu mais profundo, do ritual de polidez obrigatória em relações que não nos dizem respeito, ou não queremos, é o lugar do afeto: amor e ódio necessários a um e outro, inevitáveis máscaras que disfarçam nossa autenticidade interior.

Eis a razão da arte existir. O real não é suficiente, encontra-se eivado de fissuras, estreitas e largas, que por mais que busquemos dar uma resposta, haverá sempre um hiato que clama, recalcitrante, a impossibilidade de ser preenchido, de nos satisfazer, de estender pelo maior tempo possível o que chamamos de felicidade. A arte é o espaço de suspensão, sublimação, daquilo que não gostaríamos de encarar ou sentir.

Ao que parece, no imaginário de muitos não ocorreu o fenômeno de buscar os equivalentes contemporâneos para tais signos aludidos logo acima. Há que se indagar o motivo pelo qual pessoas tão jovens ainda lidam com ideias e formas que dizem respeito a um tempo de que nem fizeram parte, tão-somente ouviram falar ou as classes dominantes, manipulando a mídia, com seus interesses ideológicos de permanência no poder, reproduz uma constelação de signos, uma concepção do fazer poético que não se configura, como é consabido, como crítica ao vivenciado, como mundo alternativo ao que conseguimos apreender e nos circunda com suas fronteiras e fornidos muros de pedras.

Não à toa grande parte dos poetas (grande parte é apelido) tem como foco principal o lirismo amoroso de fatura a mais comum possível. Fala-se da pessoa amada como entidade perfeita, não é de músculos e de ossos, é etérea e parece ter vindo de outro planeta. Ama-se algo inefável que os homens convencionaram chamar Amor. Ama-se o amor, não a pessoa amada, empregando as fluidas banalidades que todos conhecem e, quando postas em prática, todos desconhecem, porquanto não se sustentam diante das intempéries assoladoras do cotidiano: mesmice, falta de assunto, sexo enfadonho, família no meio, filhos trabalhadores, ciúme sem limites, chantagens sentimentais. Bem, o cabedal que circunda toda e qualquer relação amorosa. Sabem do que estou falando.

Também nunca esquecem do compromisso da poesia com o social. O engajamento nas causas nobres não pode faltar no acervo de poemas a um ser escolhido pelas musas para transfigurar em linguagem os problemas de um tempo. Então o menino de rua, coitado, é recorrente como denotatum dessa poesia engajada e comprometida. Alguns pescam pérolas no imenso mar contemporâneo da auto-ajuda. Nem precisa dizer o que boas intenções e melhores sentimentos acarretam à poesia. Afianço que um dos principais ethos dos nossos dias, - os livros, o espírito hipócrita da auto-ajuda, de quem o Facebook é vitrina - já invadiu as fronteiras da Poesia, contando com a imensa maioria de autóctones colaboracionistas.

Vamos à forma. Se não houve renovação do discurso, acompanhando o ar do tempo, que na arte não pode deixar de haver – o isomorfismo entre linguagem e fenômenos empíricos advindos da interação dos homens em sociedade – imagine o que sucedeu com as formas. Pois é, permaneceram estagnadas, como água parada, empoçada, que alguns hesitam em beber. Fica difícil, a esta altura do campeonato, fruir textos com ritmos excessivamente musicais e marcados por esquemas rítmicos com esforço de combinar a todo custo algumas palavras, basta ver a quantidade de infinitivos e gerúndios rimados que os poemas apresentam. É quase dispensado de dizer que a estrofe mais manuseada é a quadra, de origem popular, bem ao gosto de quem não foi acostumado ao hábito de ler poesia, tampouco teve acesso aos avanços qualitativo de formas, no caso do Brasil, a partir de 1956, com a poesia Concreta, movimento de revitalização das formas estéticas, imprimindo um saudável frescor ao que ainda subsistia do parnasianismo e do simbolismo tardios.

A insistência do soneto nos moldes tradicionais, com seu rimário de dores e queixas parece um exercício de virtuosismo, é como se a capacidade de estruturar um soneto dito perfeito fosse atributo obrigatório para receber o título de “poeta”. Não apenas os sonetos, mas grande parte dos poemas não passa de prosa versificada ou prosa disposta, no branco da página, de linhas arbitrariamente cortadas, sem ritmo nenhum.

Mas nem tudo é o mesmo de sempre, canto de um refrão tedioso lançado com vigor às gerações pósteras. A padaria que engendra coisas do espírito vende bolachas de mercado, mas também é detentora de biscoitos finos, massa de leveza sutil, sabores para paladares mais refinados, atualizados, muitas vezes, com especiarias, advindas de prateleiras no vasto mercado central da poesia. Pois é desses o meu exultate e jubilate, congratulo esse jeito de elaborar poesia condizentes com as novas formas de sentir, agir e representar por meio da palavra poética a maneira como se portam as novas gerações, quer seja no amor ou na atitude de contemplar o desmantelo que nos ronda, ou seja, refletir ou assumir uma atitude derrisória face à caminhada apressada sem saber para onde se vai ou com que objetivo.

Há uma interessante poesia escrita por mulheres, de grande beleza plástica e forte sensualidade, na qual inquietações do feminino são vindas despidoradamente a público, numa atitude de quem ousa mostrar seus desejos mais íntimos, de quem busca não mais suprimir o que é inerente ao corpo, indistinto o gênero. Não por coincidência, as formas de expressão desse corpo sexualizado e ativo no papel de demandar a carícia e o sexo, também são formas inovadoras, mesmo que já integrantes do patrimônio da História da Literatura, como a poeta portuguesa Maria Teresa Horta. Acontece que nem todos estão atualizados ou ouviram falar na evolução de formas da poesia, que o espaço entre as quatro margens da folha já foi redimensionado, que o corte do verso elevou sua arbitrariedade a um ponto de trair o último baluarte que caracterizaria a poesia moderna e contemporânea: o ritmo. Este não mais se constrói tendo em vista a alternância de tônicas e átonas, não mais podemos mensurá-lo por meio dos procedimentos ditos tradicionais, tais como métrica, rima ou estrofação. O ritmo agora é essencialmente um elemento visual, antes era para a audição, quando a poesia cantava-se ou recitava-se. Hoje, para uma leitura de recolhimento, individual, que só a poucos interessa.

De toda maneira, há que reter, com estoicismo, as palavras ditas por um pensador: “é da quantidade que sairá a qualidade”. Vamos para frente.

Márcio de Lima Dantas

Professor de Literatura Portuguesa da UFRN